

# POÉTICAS DE BANHEIRO: NOTAS SOBRE FORMAS DE (RE)EXISTÊNCIA EM UMA UNIVERSIDADE

■ ANA CLARA DE REBOUÇAS CARVALHO

 <https://orcid.org/0000-0002-3976-1857>

Universidade Federal da Bahia

## RESUMO

O estudo que inspira este artigo olha para as paredes de uma universidade pública do Nordeste brasileiro: mais precisamente para as confissões estampadas nos banheiros dessa instituição. Trata-se de um estudo etnográfico que objetivou analisar um conjunto diverso de *graffiti* dispostos em sanitários femininos de duas unidades de ensino que agregam diferentes cursos. Foram analisados para este recorte 230 registros fotográficos de *graffiti* encontrados nos banheiros, sendo identificadas oito categorias analíticas agregadoras de conteúdos, a saber: *graffiti* e questões de saúde mental; *graffiti* e enfrentamento do racismo; *graffiti* relativos às iniquidades de gênero; *graffiti* e sexualidade feminina; *graffiti* relacionados a questões políticas; *graffiti* referentes à vida universitária; *graffiti* e *marketing* pessoal; *graffiti* enquanto comunicações solidárias. As principais conclusões desta pesquisa revelam a diversidade temática que aflo- ra destas medialidades e automedialidades compartilhadas nesses espaços íntimos, porém públicos, e indicam a potência dessas comunicações para o conhecimento e o reconhecimento dos desafios mais marcantes no contexto acadêmico articulados com a vida para além dos muros da universidade. Tais sinalizações assumem grande importância para a reorientação de um permanente e cuidadoso posicionamento institucional, de modo a condicionar um acolhimento mais efetivo e uma atenção qualificada e situada nas reais necessidades da comunidade universitária.

**Palavras-chave:** Medialidade. Etnografia. Universidade.

## ABSTRACT

### BATHROOM POETICS: REFLECTIONS ON EXISTENCE AND RESISTANCE IN A UNIVERSITY

The study that inspires this article looks at the walls of a public university in Brazil: more precisely at the confessions stamped on the restrooms of this institution. This ethnographic study aimed to analyze a set of *graffiti* displayed in women's restrooms in two teaching units that host different courses. In this study, 230 photographs of

graffiti found in bathrooms were analyzed, identifying eight analytical categories, and they are: *graffiti* and mental health; *graffiti* and confronting racism; *graffiti* relating to gender inequalities; *graffiti* and female sexuality; *graffiti* related to political issues; *graffiti* referring to university life; *graffiti* and personal marketing; *graffiti* as solidary communications. The main conclusions of this research reveal the thematic diversity that emerges from these medialities and self-medialities shared in these intimate yet public spaces and indicate the power of these communications for the knowledge and recognition of the most striking challenges and difficulties in the academic context articulated with the life beyond the walls of the university. These expressions are of great importance for the reorientation of a permanent and careful institutional positioning, in order to condition a more effective reception and a qualified attention, situated in the real needs of the university community.

**Key words:** Mediality. Ethnography. University.

## RESUMEN

### POÉTICAS DEL BAÑO: REFLEXIONES SOBRE LA EXISTENCIA Y LA RESISTENCIA EN UNA UNIVERSIDAD

El estudio que inspira este artículo mira las paredes de una universidad pública en Brasil: más precisamente las confesiones estampadas en los baños de esta institución. Este estudio etnográfico tuvo como objetivo analizar un conjunto de *graffiti* exhibidos en baños de mujeres en dos unidades que albergan diferentes cursos. En este recorte se analizaron 230 registros fotográficos de grafitis encontrados en los baños, identificándose ocho categorías: *graffiti* y problemas de salud mental; *graffiti* y enfrentamiento al racismo; *graffiti* relacionados con las desigualdades de género; *graffiti* y sexualidad femenina; *graffiti* relacionados con temas políticos; *graffiti* referentes a la vida universitaria; *graffiti* y marketing personal; el *graffiti* como comunicación solidaria. Las principales conclusiones de la investigación revelan la diversidad temática que emerge de estas medialidades y automedialidades compartidas en estos espacios íntimos pero públicos, y señalan el poder de estas comunicaciones para el conocimiento y reconocimiento de los desafíos y dificultades del contexto académico de manera articulada con la vida fuera de los muros de la universidad. Estas expresiones asumen gran importancia para la reorientación de un posicionamiento institucional permanente y cuidadoso, a fin de condicionar una acogida más eficaz y una atención cualificada, situada en las necesidades de la comunidad universitaria.

**Palabras clave:** Medialidad. Etnografía. Universidad.

## Notas introdutórias

*Pela liberdade dos nossos corpos.*  
(dizeres de banheiro)

No início de abril de 2023, o capítulo de um livro publicado pela renomada editora inglesa Routledge, então disponibilizado *on-line* em 31 de março do referido ano, ganhou uma expressiva repercussão em diversos países da Europa e para além desse continente, cenário das graves denúncias ali relatadas. Trata-se do texto intitulado “Sexual Misconduct in Academia – Informing na Ethics of Care in the University” (“Má conduta sexual na academia – para uma ética do cuidado na universidade”), assinado pelas autoras Lieselotte Viaene, de origem belga, pela portuguesa Catarina Laranjeiro, e pela norte-americana Myie Nadya Tom, as três egressas do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

O título do referido capítulo já alude claramente ao foco da análise daquelas autoras, então dedicadas a denunciar, ainda que de modo indireto, as ocorrências não excepcionais de casos de assédio e de violência sexual em uma secular universidade portuguesa. Contudo, anterior à publicização das experiências relatadas neste texto, Cândia (2023)<sup>1</sup> traz à baila a seguinte contextualização: “alguns dos doze artigos reunidos no livro da Routledge são narrações de experiências diretas de quem os escreveu” e, no caso daquelas três autoras, a despeito de “terem em comum no seu percurso a instituição que sabemos ser o CES, só se deram conta da existência uma das outras após um determinado acontecimento”. E esse acontecimento, descreve Cândia (2023), “constitui no apareci-

mento de uma série de *graffiti* nas paredes do CES e da Universidade de Coimbra”, os quais mobilizam a escrita do artigo “The Walls Spoke when no one else would” (“As paredes falaram quando ninguém se atrevia”).

Ainda de acordo com Cândia (2023), foi exatamente “um dos Graffiti surgidos no outono de 2018 nas paredes do CES” que levou as autoras do texto-denúncia a perceberem que não estavam “completamente sós”. Por sua vez, o artigo “As paredes falaram quando ninguém se atrevia” acolheu tempestivamente estes desabados públicos “que foram apressadamente apagados” da renomada universidade portuguesa (Cândia, 2023).

O estudo que inspira este texto também olha para as paredes de uma universidade pública do outro lado do Atlântico, especialmente, para as paredes das dezenas de banheiros dessa instituição, as quais, diferente daquela supracitada, não procede, ao menos não sistematicamente, com os súbitos apagamentos das tantas confissões que contam esses espaços íntimos, porém públicos. São centenas de dizeres entremeados de desenhos e de outros símbolos que falam de e por uma diversidade em seus desafios de existir e de resistir a variadas violências e violações vocalizadas nessas paredes.

Trata-se de comunicações curtas, todavia, em geral, contundentes ou incisivas quanto ao conteúdo que buscam expressar. Muitas delas podem ser compreendidas enquanto fragmentos autobiográficos, uma vez que são reveladoras de experiências vividas, de sentimentos, de visões de mundo, de posicionamentos diversos. Assim sendo, e em concordância com Passeggi (2021, p. 94), tais ações narrativas e reflexivas permitem “[...] dar sentido ao que aconteceu, ao que está acontecendo, ao que pode mudar ou permanecer inalterável, mas também ao que poderia ter acontecido e por quais razões”. E acresce essa autora: “todas es-

<sup>1</sup> A matéria jornalística de autoria de Fernanda Cândia, publicada em 11 de abril de 2023, e intitulada “Acusações de assédio e violação no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra” está disponível em: <https://www.dn.pt/sociedade/acusacoes-de-assedio-e-violacao-no-centro-de-estudos-sociais-da-universidade-de-coimbra-16159026.html>.

sas opções de temporalidade devem ser consideradas como possibilidades abertas, o que revela ao mesmo tempo a complexidade da narração e seu poder de auto(trans)formação”; ademais, soma-se ao ato de narrar, as possibilidades de se reconstituir “[...] uma versão de si ao repensar suas relações com o outro e com o mundo da vida” (Passeggi, 2021, p. 94).

Isso posto, este artigo propõe, portanto, dialogar com essas confissões em confluência com o debate acerca das medialidades e automedialidades no vasto, complexo e diverso campo da Educação. Para tanto, as linhas que se seguem desenham o seguinte percurso argumentativo: partem de breves notas metodológicas desta etnografia de paredes de uma universidade pública brasileira, e avançam diálogos com um conjunto selecionado de confissões que desses espaços ecoam, tecendo entrelaçamentos teóricos sobre o lugar dessas medialidades e automedialidades no complexo processo do educar.

## Notas metodológicas: etnografando confidências das paredes

Em uma curiosa coincidência, iniciei também no ano de 2018 um processo de observação e de registros fotográficos sistemáticos dos muitos dizeres e desenhos que cotidianamente encontrava nos mais diversos espaços e suportes de uma universidade pública do Nordeste brasileiro. A partir daquele ano, excetuado o período mais crítico da pandemia de coronavírus, passei então a me atentar mais fina e rotineiramente aos tantos *graffiti* estampados nas carteiras, nas mesas, nos corredores, nos degraus das escadas, nos bancos dos ônibus da própria instituição, mas sobretudo na intimidade dos banheiros.

Ao longo dos dois anos que antecederam a emergência daquela crise sanitária, acumulei

um banco aleatório e progressivamente volumoso desses *graffiti* sem grandes pretensões ou com pouca clareza do que realmente fazer com aquele farto e latente material, já tão sugestivo e passível de múltiplas análises. Com o confinamento provocado pela pandemia a partir de 11 de março de 2020, tais registros foram interrompidos até a retomada das atividades presenciais a partir do ano de 2022 quando voltei a acompanhar as tantas vozes emanadas e expressas nos mais variados espaços dessa universidade.

Recentemente mobilizada pela problemática que abre este artigo, voltei ao banco de registros fotográficos, e passei a ampliar a coleta de campo mais concentradamente nos banheiros femininos da instituição em tela. Das muitas unidades de ensino que compõe essa universidade, escolhi duas delas que abrigam cursos variados, e tomei como critério de inclusão todos os *graffiti* presentes nos banheiros femininos das suas unidades, além de alguns espaços coletivos que concentravam uma quantidade expressiva desses elementos. Para este estudo, analisei um conjunto de 230 registros fotográficos contendo *graffiti*, no qual identifiquei oito categorias agregadoras da diversidade de conteúdos presentes nesses construtos comunicativos.

*Graffiti* é um termo derivado do italiano *graffiare* referente ao verbo “riscar”, sendo aquele o plural do substantivo *graffito*, que significa “marca ou inscrição feita num muro/parede” (Campos, 2007, p. 251). De acordo com esse autor, suas raízes históricas são associadas à “denominação dada às inscrições feitas em paredes desde o império romano (inscrições presentes nas catacumbas de Roma ou em Pompéia)” e, embora contemporaneamente, o termo passou a ser utilizado em distintas acepções semânticas, podendo ser identificados “[...] vários espécimes de *graffiti* na rua, temos de reconhecer que apenas alguns o

são legitimamente, de acordo com aquilo que, historicamente, se convencionalizou chamar *graffiti*, com base numa especificidade de linguagens, modos de produção e atmosfera cultural” (Campos, 2007, p. 251).

Ainda sobre demarcações conceituais em torno dos *graffiti* relevantes para este estudo, é importante sublinhar que há, amplo senso, notadas dúvidas e, em determinadas situações, legítimos questionamentos sobre o que é e o lugar dos *graffiti*, sendo frequentes as dificuldades de distinção entre *graffiti* e a chamada “pixação”. Nesse ponto, embora não este sendo um foco deste estudo, Costa (2017, p. 62) aqui contribui, revisando uma literatura relativamente farta dedicada ao denso debate em torno dos complexos e, por vezes, sutis processos de distinção entre *graffiti* e pixação, e conclui que, a partir de diversas inspirações teóricas, parte significativa dessas produções “[...] iniciam suas abordagens sobre o *graffiti* delineando as diferenças e similitudes entre este e a pixação – principalmente ressaltando os conteúdos artísticos que o *graffiti* evocam, ao passo que a pixação é ressaltada por seu caráter vandálico”.

Neste estudo, *graffiti* foram então compreendidos enquanto elementos ou construtos artísticos quando explicitados por estes, e/ou enquanto “comunicações discursivas” ou enquanto “enunciado-grafite” ou ainda enquanto “unidade de enunciado concreto produzido” (Souza, 2002; Mendonça, 2020). Nessas perspectivas, e de acordo com essa última autora, partimos da “[...] premissa que a comunicação discursiva dos grafites permite compreender a diversidade cultural e a relação afetiva e política das pessoas com a cidade” (Mendonça, 2020, p. 2), no caso desta pesquisa, não apenas com “a cidade”, ou com o viver nesta cidade, mas especificamente com a universidade de onde emergiam, através das paredes, esses construtos comunicativos. Do ponto de vista

ético, todos os cuidados foram tomados para preservar quaisquer sinais de possíveis identificação da autoria dos elementos comunicativos analisados neste estudo.

O processo analítico do conjunto de *graffiti* selecionados levou a identificação das seguintes categorias agregadoras dos mais diversos conteúdos a estes vinculados: *graffiti* e questões de saúde mental; *graffiti* e enfrentamento do racismo; *graffiti* relativos às iniquidades de gênero; *graffiti* e sexualidade feminina; *graffiti* relacionados a questões políticas e partidárias; *graffiti* referentes à vida universitária e ao ambiente acadêmico; *graffiti* e *marketing* pessoal; *graffiti* enquanto comunicações solidárias. As quatro primeiras categorias são acolhidas na próxima seção, as demais, na sequência desta. Todas as citações em destaque ao longo das linhas que se seguem são transcrições *ipsi litteris* dos *graffiti* analisados nesta pesquisa.

## Confissões de banheiros: sobre esmagamentos e resistências

*Todos os dias eu penso em desistir, eu morro um pouco sempre. Tem vezes que eu não aguento mais.*

*Eu me sinto tão sozinha.*

*Tô pensando em desistir de tudo.*

*Com a luz vem a sombra, a vida é contraste.*

Os tipos de relatos em destaque, não raros entre os tantos banheiros femininos percorridos neste estudo, apresentam um claro tom: são expressões de desabafos, estados de solidão confessos, pedidos de socorro, partilha de sofrimento, sinais de ansiedade, entre outros fragmentos biográficos que dizem de velhas questões de saúde mental conhecidas no ambiente universitário (Pereira *et al.* 2018; Santos, 2019). Com a eclosão da referida pandemia, em seus múltiplos e difusos impactos e desdobramentos, há indicativos de que tais



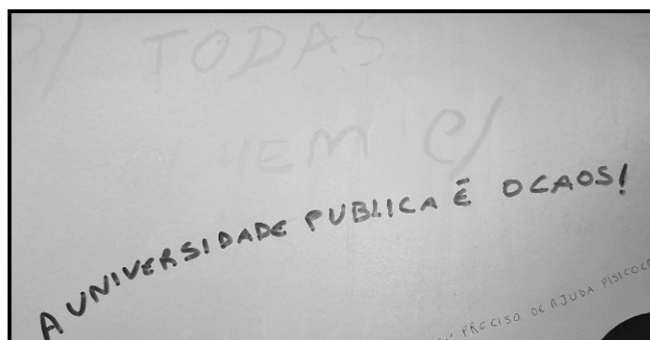
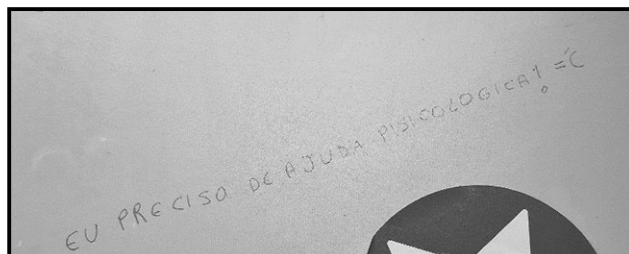
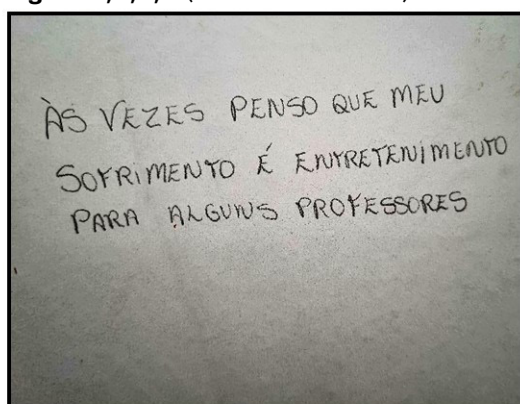
questões se agudizaram ou, ao menos, tornaram-se mais evidentes, conforme aponta uma pesquisa transversal divulgada pela Fundação Oswaldo Cruz, no ano de 2022, a saber:

Um estudo com quase seis mil participantes, de todas as regiões do país, revela o alto impacto da pandemia de Covid-19 nas atividades acadêmicas e na saúde mental de estudantes de pós-graduação. Entre outros dados, a pesquisa aponta que 45% dos alunos foram diagnosticados com ansiedade generalizada e 17% com depressão durante o primeiro ano da pandemia. Além disso, mais de 60% relataram crises de ansiedade e dificuldade para dormir. Falta de motivação e problemas de concentração foram reportados por quase 80% (Menezes, 2022)<sup>2</sup>.

Os números expressivos revelados por esta pesquisa indicam a magnitude do adoecimen-

to mental e do sofrimento psíquico no contexto universitário que, neste estudo, ressoa nas paredes de uma universidade através de dizeres e/ou de elementos imagéticos que quase sempre sinalizam uma variedade de fatores, tanto externos, ou estruturais à sociedade, quanto intrínsecos ao ambiente acadêmico, conforme evidenciam as figuras abaixo em destaque. Nessa perspectiva, os achados desta pesquisa confluem com as conclusões da revisão integrativa proposta por Gundim e demais autores (2021, p. 1) quando apontam efeitos da pandemia na saúde mental da comunidade universitária, tais como “reações emocionais descritas por estresse, ansiedade, luto, raiva e pânico, associadas à preocupação acadêmicas e ao medo de adoecer”.

**Figuras 1, 2, 3, 4** (em sentido horário)



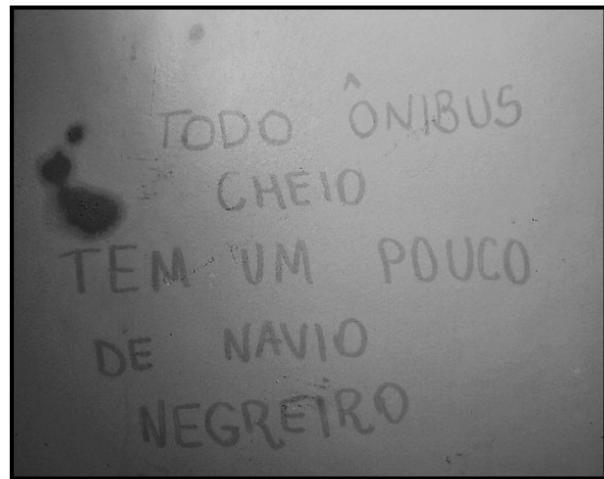
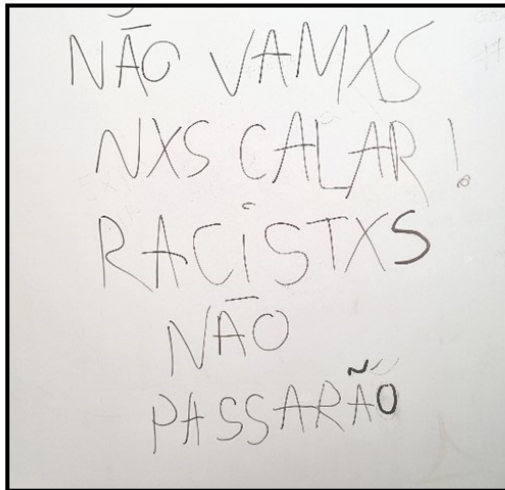
Fonte: acervo pessoal da autora.

2 Os dados desta pesquisa estão publicados no periódico *International Journal of Educational Research Open*, v. 3, 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2666374022000619?via%3Dihub>. Já a reportagem sobre este estudo assinada por Maíra Menezes, está disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-identifica-o-impacto-da-pandemia-em-estudantes#:~:text=Entre%20outros%20dados%2C%20a%20pesquisa,foram%20reportados%20por%20quase%2080%25>.

Ao lado das tantas expressões dessa natureza, portas e paredes dos banheiros expõem processos que incidem, mas transcendem a cultura universitária, como é o caso dos muitos posicionamentos antirracistas, muitas vezes associados a outras questões, tais como as violências vinculadas às desigualdades de gênero e a processos políticos e econômicos. Críticas contundentes a processos históricos

impostos sobre a população negra ocupam espaços significativos no conjunto dessas expressões, e tais processos se referem tanto aqueles constitutivos do sistema escravocrata brasileiro vigente até o século XIX, mas também aos impactos contemporâneo da secular exploração e exclusão dos povos negros no Brasil. As Figuras 5 e 6 evidenciam tais manifestações.

**Figuras 5, 6** (em sentido horário)



Fonte: acervo pessoal da autora.

A frequência e a variedade de relatos vinculados a experiências racistas vocalizadas nestas paredes chamam atenção, de modo que em todos os banheiros visitados que continham expressões em *graffiti* raramente não se via ao menos uma comunicação direta ou indireta dessa natureza. Tal reverberação parece confluyente com as principais conclusões que chega de uma literatura dedicada a analisar os processos de formulação e de implementação das ações afirmativas nas universidades na última década, especialmente após a vigência da Lei nº 12.711 de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas instituições federais de ensino técnico e superior.

Exemplo disso está na pesquisa realizada por Medeiros, Mello Neto e Gomes (2016, p. 15), a qual aponta que, a despeito dos importantes avanços das ações afirmativas na

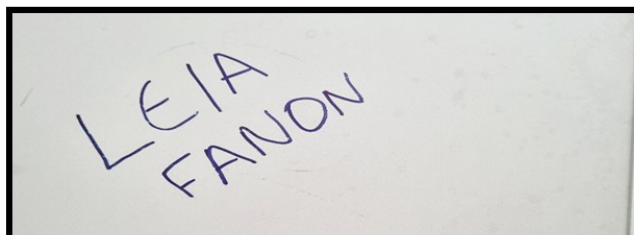
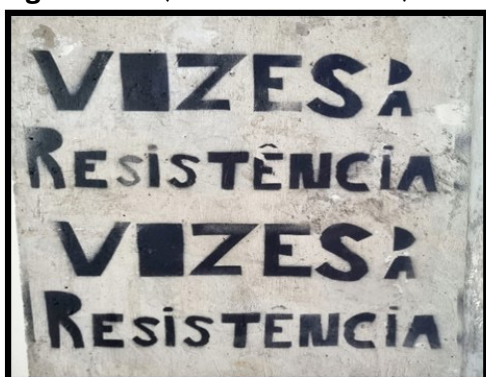
promoção da democratização do ensino superior, “[...] persistem problemas e lacunas que podem levar ao afastamento da lei de seu objetivo, e criar, inclusive, privilégio para determinados grupos”. Nessa mesma linha, uma análise desse panorama publicada pela Universidade de Campinas (Unicamp, 2019)<sup>3</sup> aponta que, não obstante os marcos positivos das ações afirmativas no campo educacional, mais expressivas somente a partir do presente século, processos complexos relacionados

3 O Jornal da Unicamp publica, em 19 de novembro de 2019, o artigo intitulado “Racismo no mundo acadêmico: um tema para se discutir na universidade”, de autoria de Felipe Mateus, que discute a referida temática, destacando o crescente da acessibilidade de estudantes negros na universidade, contudo aponta as dificuldades estruturais para a ampliação e destaques na produção científica pela comunidade acadêmica negra.

ao racismo estrutural e/ou ao racismo institucional<sup>4</sup> ainda são desafiantes para a educação universitária no país, tais como a ainda pouca representatividade negra nos postos da docência ou da produção científica, ou a persistência do chamado “racismo epistêmi-

co”, o qual se expressa “[...] não apenas nas limitações de acesso de negras e negros nas universidades, mas também quando o conhecimento produzido por eles é desconsiderado” (Mateus, 2019). As Figuras 7 e 8 são emblemáticas dessas leituras.

**Figuras 7 e 8** (em sentido horário)



**Fonte:** acervo pessoal da autora.

Ao lado das expressões vinculadas ao debate racial na educação universitária, estão as sinalizações relativas às iniquidades de gênero, as quais muitas vezes refletem a perspectiva interseccional<sup>5</sup> de tais dimensões, que pode ser compreendida como “[...] uma ferramenta de análise que consegue dar conta de mais de uma forma de opressão simultânea” (Kyrillos, 2020, p. 1). A partir dessa compreensão, ga-

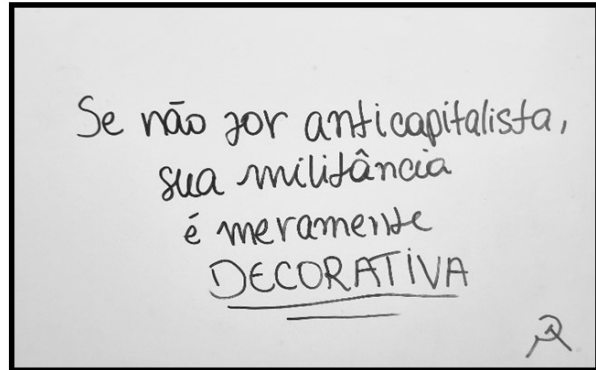
nam mais sentido os *graffiti* que reverberam tal simultaneidade das opressões e violências vivenciadas, concordando aqui com Akotirene (2018) quando problematiza a interseccionalidade enquanto potência analítica, uma vez que agrega a dimensão racial a outras categorias de análise, a exemplo de classe e gênero. Os *graffiti* representados nas Figuras 9 e 10 dizem dessas intersecções.

4 De acordo com Werneck (2016, p. 541), “o racismo pode ser visto como um sistema, dada sua ampla e complexa atuação, se modo de organização e desenvolvimento através de estruturas, políticas e normas capazes de definir oportunidades e valores para pessoas e populações a partir de sua aparência (JONES, 2002), atuando em diferentes níveis”. Esses níveis, e segundo a citada autora Camara Jones (2002), manifestam-se através das seguintes dimensões: o denominado “racismo internalizado”, aquele que se refere à “aceitação” de matrizes racistas pelos indivíduos, e o “racismo interpessoal”, os quais geram estímulos, preconceitos, atos discriminatórios, entre outras violências; e ainda o chamado “racismo institucional”, o qual, segundo essas autoras, “é a dimensão mais negligenciada do racismo”, uma vez que se articula à dimensão estrutural, “correspondendo a formas organizativas, políticas, práticas e normas que resultam em tratamentos e resultados desiguais”, ademais, “é também denominado racismo sistêmico e garante a exclusão seletiva dos grupos racialmente subordinados, atuado como alavanca importante da exclusão diferenciada de diferentes sujeitos nesses

grupos” (Werneck, 2016, p. 541-542). Essas bases conceituais são de grande valia para a compreensão e para a ação combativa aos distintos e quase sempre sinérgicos níveis de racismo que se expressam também no contexto universitário.

5 Kyrillos (2020, p. 1), ao analisar criticamente os antecedentes do construto conceitual conhecido como “interseccionalidade”, aponta que este é um conceito que “tem ganhado cada vez mais espaço nos debates e nas pesquisas acadêmicas, inclusive no Brasil”, sendo nomeado, em 1989 pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw, “quem, posteriormente, desenvolveu algumas das mais importantes elaborações teóricas sobre esse conceito”. Ainda de acordo com aquela primeira autora, uma das potências desse construto está na “ruptura com uma visão monolítica de análise e sua popularização é, sem dúvidas, uma das grandes contribuições dos estudos que utilizam a teoria da interseccionalidade”, uma vez que esta pode ser compreendida como “uma ferramenta de análise” que opera simultaneamente com múltiplas formas de opressão, de modo que “os processos discriminatórios não são compreendidos



**Figuras 9 e 10** (em sentido horário)

**Fonte:** acervo pessoal da autora.

Ao lado das expressões combativas da cultura violenta e opressiva sobre as mulheres, está a categoria analítica dos *graffiti* que vocalizam questões voltadas à sexualidade feminina. Nesse sentido, não raro são os dizeres e imagens que pautam os desafios do pleno e livre exercício da sexualidade feminina, assim como o direito do exercício da diversidade de gênero em toda a sua complexidade, incluindo aí as demandas das mulheres trans.

A literatura relativamente escassa sobre a inclusão da pauta da diversidade de gênero nas instituições educacionais aponta para uma tendência ainda difusa de conservadorismo e de resistência ao acolhimento de tal dimensão humana nestes processos formativos. De acordo com Bonfanti e Gomes (2018, p. 106), o Brasil tem assistido a um “[...] levante de gru-

pos conservadores ligados a instituições religiosas ao Movimento Escola Sem Partido e a alguns movimentos políticos da direita que se intitulam contra a ‘ideologia de gênero’”, fenômeno que, acrescem, coincide com a expansão de “[...] um movimento internacional contra os avanços dos estudos de gênero e as conquistas dos direitos das mulheres e da população LGBT”. No que tange ao debate em foco, esses autores destacam ainda que, entre as reivindicações desses grupos, está a incisiva “[...] defesa da retirada das palavras de gênero e orientação sexual dos planos municipais, estaduais e nacional de educação”, em geral, alegando que “[...] os teóricos de gênero querem instaurar uma ‘doutrinação de gênero’ nas escolas, o que colocaria, supostamente, as crianças em risco” (Bonfanti & Gomes, 2018, p. 106).

No âmbito universitário, Agreli (2018, p. 7), em tese sobre a inclusão da diversidade sexual na universidade, e ao acompanhar narrativas sobre trajetórias de pessoas inter e transsexuais, constata que, a despeito dos avanços teóricos em torno da temática nesses espaços, na prática, “os mundos-vidas destas estudantes são imersos em estigma e sofrimento”. E conclui essa autora: “muitos são os desafios a

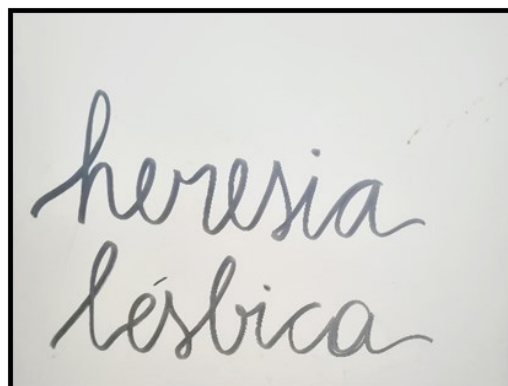
---

isoladamente, nem se propõem uma mera adição de discriminações, mas sim abraça-se a complexidade dos cruzamentos dos processos discriminatórios e a partir daí se busca compreender as condições específicas que deles decorrem” (Kyrillos, 2020, p. 01). Para este estudo, essa perspectiva de análise colabora significativamente, considerando que os conteúdos comunicados pelos *graffiti* analisados comumente expressam diferentes, mas convergentes dimensões ou processos produtores de violências e violações nas rotinas dessas estudantes dentro e para além da universidade.

serem enfrentados para uma efetiva educação inclusiva para a diversidade sexual e de gênero”, de modo que “as transformações precisam atingir todas as instâncias do ensino, desde

o ensino fundamental, passando pelo ensino médio para, enfim, alcançar o ensino superior” (Agreli, 2018, p.7). As Figuras 11, 12 e 13 a seguir traduzem tais processos.

**Figuras 11, 12 e 13** (em sentido horário)

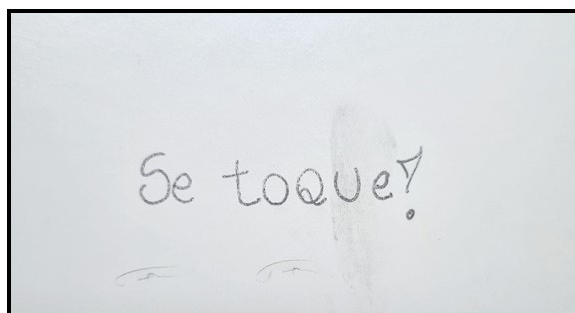


**Fonte:** acervo pessoal da autora.

**Figuras 14 e 15** (em sentido horário)



**Fonte:** acervo pessoal da autora.



Alguns comentários sobre esta sequência de destaques se fazem aqui necessários. A Figura 11 foi retratada da porta de um banheiro feminino, e a simples interrogação conduz à reflexão sobre os desafios da diversidade, sendo fortemente presentes nesse sanitário expressões assinadas por mulheres trans. Já a Figura 15 foi um dos raros banheiros sinalizados para o acolhimento da diversidade de gênero<sup>6</sup>.

A próxima seção acolhe as demais categorias analíticas que, de um modo geral, avançam em posturas de crítica e de resistência ao conjunto de desafios descritos até aqui. Do mesmo modo, as transcrições são fiéis às expressões contidas nos Graffiti analisados, e as figuras em destaques buscam maior representatividade quanto ao teor das categorias analíticas que mais se afinam.

## Banheiros confidentes: mais sobre resistências e solidariedade

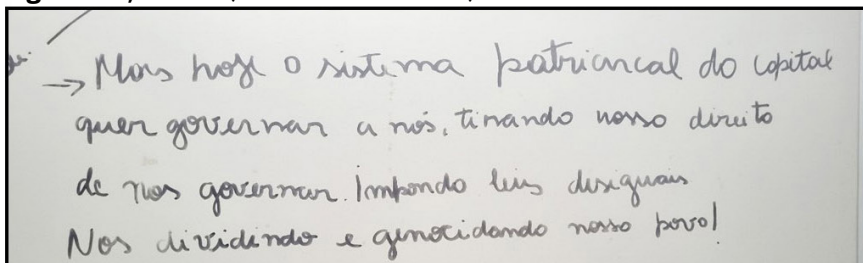
*Se você não é tratada como uma deusa, caia fora.  
Se afaste de tudo que se afasta de ti*

*Menina, sua dor é a minha dor.  
Um passo de cada vez. Vai ficar tudo bem.  
Mulher, tome partido!*

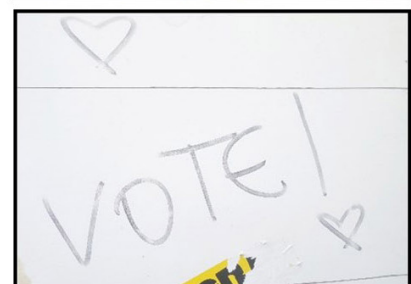
As portas e paredes dos banheiros femininos na universidade em tela revelam percepções e vivências compartilhadas que falam de rotinas notadamente marcadas por desafios e dificuldades de variadas ordens. Em contraposição a isso, muitos *graffiti* expressam posicionamentos políticos, ou exibem críticas, ou ainda mobilizam reflexões e posturas solidárias diante dos muitos desabafos partilhados nesses espaços. Tanto assim que foram observados muito frequentemente verdadeiros diálogos entre as autoras quase sempre anônimas desses inusitados confessionários.

A maioria dos diálogos analisados neste recorte abordava questões ou conselhos amorosos, aspectos da vida acadêmica, pautas políticas ou escolhas partidárias. Nessas trocas, chama atenção o tom cômico e o bom humor presentes em muitas delas. Quanto à dimensão política, muitos dizeres estimulavam a participação no voto e a postura de resistência e de combate contra processos opressores, tais como as Figuras 16, 17 e 18 ressoam.

**Figuras 16, 17 e 18** (em sentido horário)



**Fonte:** acervo pessoal da autora.



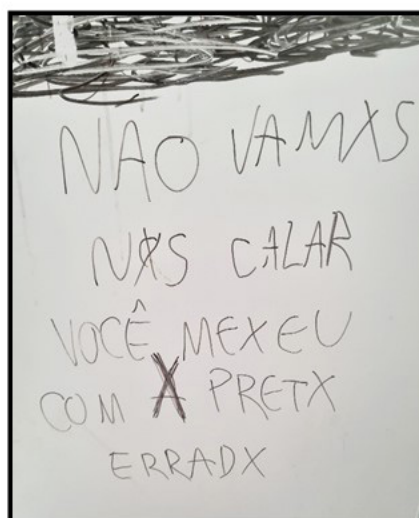
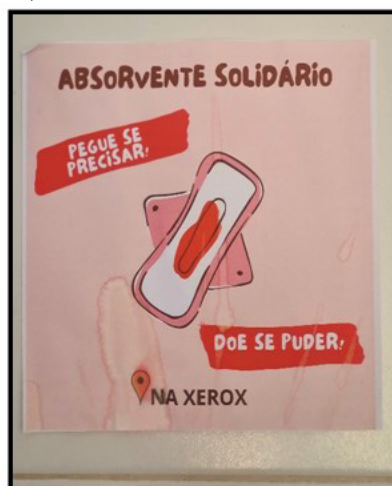
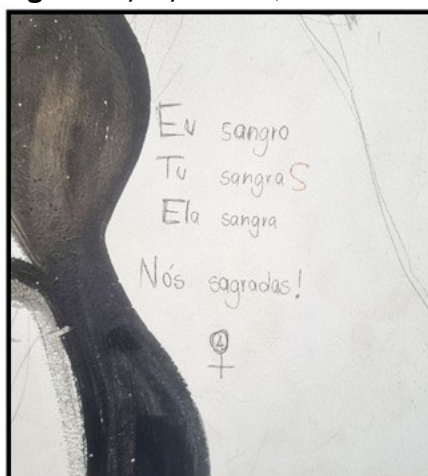
6 Sobre esta temática, a despeito de avanços significativos na última década do presente século, a literatura especializada tem apontado grandes e complexos desafios para as ações e políticas afirmativas de gênero e sexualidade de um modo difuso, incluindo o campo educacional. Ao lado disso, é importante destacar que o país lidera mundialmente os indicadores de violência letal contra a população Lésbicas, Gays, Transexuais, *Queers*, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, Não binários e mais (LGBT-QIAPN+) conforme reconhece a própria Câmara Legislativa Nacional.



Quanto aos laços solidários, ainda que atravessados pelo anonimato, acolham não apenas pautas diversas para além das tônicas dos diálogos anteriormente referidos, mas atos de solidariedade, a exemplo da presença em alguns banheiros de caixas coletivas contendo protetores menstruais. Nesse último, insere-se o debate sobre a ausência ou a fragilidade das políticas públicas direcionadas ao fenômeno da pobreza menstrual, o qual pode ser definido enquanto a “[...] situação de precariedade e vulnerabilidade econômica e social à qual bilhões de pessoas menstruantes ao redor do mundo estão submetidas por não terem acesso adequado à saneamento básico, banheiros e itens de higiene pessoal” (Assad, 2021, p. 142).

De acordo com Assad (2021, p. 141), avançar em políticas públicas atinentes à precariedade menstrual ultrapassa essa questão em específico, uma vez que “[...] pode impactar positivamente a vida de milhões de pessoas menstruantes, e pode ainda servir como ferramenta de enfrentamento à desigualdade de gênero”. Nessa perspectiva ampliada, um conjunto de *graffiti* analisado apontou justamente as mais diversas estratégias do que se pode chamar de “marketing pessoal” para o sustento das estudantes, especialmente, através da divulgação de contatos telefônicos ou indicativos de redes sociais para fins comerciais variados. As Figuras 19, 20, 21 e 22 expressam esses eixos analíticos.

**Figuras 19, 20, 21 e 22** (em sentido horário)



**Fonte:** acervo pessoal da autora.

A Figura 22 representa uma expressiva quantidade de *graffiti* que vocaliza os desafios e dificuldades que acompanham a rotina acadêmica e a vida universitária em múltiplos aspectos. Assim sendo, são frequentes críticas ou desabaços acerca da lógica produtivista, dos excessos alusivos a determinadas escolhas didático-pedagógicas, da validade e da representatividade na produção e difusão do conhecimento (a exemplo do que questiona um dos *graffiti* “o conhecimento ensina ou mata?”), entre outras pautas. Por outro lado, são também observadas sinalizações positivas e muitas frases de apoio e encorajamento, ora em tom bem-humorado, ora através de palavras e gestos solidários.

A despeito das muitas vozes que ecoam desses banheiros, é importante dizer do silêncio de outros. Ou seja, um dos destaques desta etnografia está na convivência entre banheiros que falam tanto que os *graffiti* disputam espaços de modo a avançar para os azulejos e, ao contrário, aqueles que, curiosamente, são extremamente silenciosos. Em um deles, absolutamente asséptico, incluindo as paredes, um aviso saltava logo da entrada: “seu feminismo abrange as manas da limpeza?”. E assim prosseguia: “pratique, colabore, mantenha limpos”.

Nesse último caso, a limpeza referida poderia se tratar daquela em sentido mais estrito, da manutenção da higiene local. Para este estudo, essa mesma limpeza pode dialogar mais com os silenciamentos, os quais este artigo tomou como ponto de partida: os casos de assédio silenciados em uma renomada universidade europeia quando procede ao apagamento das paredes que denunciam. Nesta pesquisa, igualmente, foram raras palavras explícitas sobre vivências de assédios, das mais distintas naturezas, contudo, textos implícitos ou bastante sugestivos das mais diversas violências e violações preenchem muitos desses espaços, a exemplo do destaque da Figura 21.

Neste estudo, *graffiti* foram compreendidos enquanto mediadores<sup>7</sup> potentes, uma vez que podem mudar o curso de uma determinada ação ou desencadear um conjunto de ações em diferentes perspectivas e com variados fins, a exemplo daquele *graffiti* em uma das paredes da Universidade de Coimbra que viabilizou o reconhecimento de uma situação comum entre três mulheres que até então não se conheciam, convergindo para as demais ações necessárias para a produção daquele texto que aqui e acolá tanto reverberou. Nessa perspectiva, podemos compreender mediação de um determinado objeto, no caso aqui dos *graffiti*, enquanto actantes que geram uma ação; ou, como define Latour (2012, p. 93), quando “veículos são tratados como mediadores que engendram outros mediadores, então inúmeras situações novas e imprevistas ocorrem (induzem coisas a fazer outras coisas que não eram esperadas)”.

Já na perspectiva acolhida por Passeggi (2021, p. 98) para pensar processos e potências em torno das reflexividades narrativas, é a noção de *medium* (meio) que dá origem à “me-

7 Tomando aqui a perspectiva da Teoria Ator Rede (TAR), a noção de mediação é uma das bases estruturais dessa abordagem, uma vez que tudo aquilo que está na condição de mediador, seja um actante humano ou não humano, modifica um determinado conjunto de ações para os mais diversos fins. De acordo com Latour (2012, p. 65), um dos expoentes da TAR, “os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam”. E acresce esse autor: “um mediador, apesar de sua aparência simples, pode se revelar complexo e arrastar-nos em muitas direções que modificarão os relatos contraditórios atribuídos a seu papel” (Latour, 2012, p. 65). Para este estudo, essa noção se apresenta de modo relevante, uma vez que o conjunto de *graffiti* analisados potencialmente assumem esta condição de mediação entre os mais diversos processos vivenciados pelas estudantes que ali compartilham tais vivências e os processos institucionais potencialmente provocados a partir dessas vocalizações, nem sempre transmitidas através de outros mediadores, inclusive, aqueles de natureza oficial (a exemplo das ouvidorias ou das demais instâncias formais voltadas à assistência estudantis).



dialidade”<sup>8</sup>. E avança essa autora: “o *medium* deve ser entendido como material utilizado – tela, luz, argila, ferro, cor, imagem, por exemplo” (idem, p. 98). Mobilizando essa noção com o ato autobiográfico, e uma vez que em muitos dos *graffiti* analisados neste estudo se revelam enquanto genuínos fragmentos autobiográficos, assim contribui Passeggi (2021, p. 98): “o gesto autobiográfico, automedial, faz da relação consigo mesmo um trabalho incessante de reflexão com materiais externos – linguagens, telas, sons, gestos – pelas quais e nas quais a subjetividade de quem narra se constitui”.

A caminho das derradeiras linhas, é preciso um último olhar sobre o tipo de mediação ou mesmo o *medium* através dos quais essas construções comunicativas, de natureza autobiográfica ou não necessariamente, expressam-se: paredes de banheiros. Sem qualquer pretensão de demérito facilmente atrelado a

esse tipo de recinto, é possível estimar ao menos dois significados da “escolha” desse *medium*: por um lado, podem dizer da falta ou do pouco espaço para vocalização do conjunto de desafios e dificuldades que estes *graffiti* reverberam; por outro, são indicativos da necessidade de ações e políticas institucionais para o acolhimento das demandas da comunidade universitária reiteradamente sinalizadas nessas paredes.

## Considerações finais

Este estudo é fruto das muitas inquietações provocadas por traços, palavras e gestos estampados em paredes de uma universidade pública, as quais me acompanharam ao longo dos últimos cinco anos de profunda e cotidiana imersão em espaços bastante diversos dessa instituição. Mais finamente, os banheiros femininos concentraram o meu olhar neste período em tudo que diziam, mas sobretudo em tudo que não diziam ou apenas sugeriam em termos dos mais diversos processos, percepções e partilhas que são possíveis encontrar nesses espaços ora curiosamente ruidosos, ora inquietantemente silenciosos.

Este artigo, por sua vez, partiu de duas provocações: por um lado, a potência dos *graffiti* enquanto medialidades e automedialidades no contexto estudado; por outro, os efeitos institucionais que podem provocar em termos de respostas às demandas que sinalizam. O caso da Universidade de Coimbra, tomado neste texto como ponto de partida, mobilizou condutas institucionais após a grande repercussão que a publicização dos fatos provocou, todavia, anterior a essa sequência de ações, foram dizeres em uma das paredes desse renomado centro acadêmico que possibilitaram a convergência das narrativas para o desfecho que então se tornou amplamente conhecido.

8 Avançando nas contribuições de Passeggi (2021, p. 98), a relação estabelecida entre as dimensões da automedialidade e da autobiografia são sensivelmente sugestivas para as análises deste estudo, uma vez que, e de acordo com essa autora, “na perspectiva da automedialidade, é o projeto autobiográfico que é suscetível de engendrar a vida e o eu”, e não ao contrário, como sinaliza ela, então indicando a inversão do que “é admitido pelo senso comum, segundo o qual a vida (*bíos*) e o eu (auto) engendram a autobiografia”. Em concordância com os autores Delory-Momberger e Bourguignon (2019, p. 38), Passeggi (2021) destaca a seguinte contribuição destes autores: “a experiência automedial abre um espaço de criação em que se encontram o movimento de uma busca sensível exercida sobre o material e sobre o ‘fazer’ da obra, a reflexão subjetiva que acompanha o gesto de criação e o trabalho sobre si de um sujeito agindo sobre ele-mesmo ao agir sobre os materiais segundo as formas do *medium* que ele pratica” (Momberger & Bourguignon, 2019, p. 38). É a partir dessas confluências que propõe compreender a produção dos *graffiti* analisados nesta pesquisa como atos autobiográficos automedias, ainda que fragmentários e anônimos, uma vez que há uma relação estabelecida entre fragmentos de reflexividades narradas e os grafismos, sejam em palavras, sejam em imagens, sejam em ambas associadas em construções comunicativas dispostos em espaços públicos e potencialmente participativos (a exemplo da presença dos diálogos ou das construções coletivas de pensamentos e de posicionamentos sobre os mais diversos temas emergentes dos *graffiti* analisados).

No Brasil, o debate em torno das ações e das políticas de prevenção contra as mais diversas formas de violências e de violações de direitos no contexto universitário ganham um novo fôlego justamente em período quase coincidente ao episódio acima referido. Tanto assim que, a partir de 3 de abril de 2023, entrou em vigor a Lei federal nº 14.540, que institui o Programa de Prevenção e Enfrentamento ao Assédio Sexual e demais Crimes contra a Dignidade Sexual e a Violência Sexual no âmbito da administração pública, direta, indireta, federal, estadual, distrital e municipal (BRASIL, 2023).

Embora não se volte especificamente ao campo educacional em todos os níveis de escolarização, a referida lei abrange as universidades ao prevê a implementação do programa preventivo do assédio e violência sexuais nestas instituições, e formação continuada para professores da Educação Infantil e Fundamental. Até pouco tempo antes disso, contudo, a pesquisa realizada por Beltrame (2020, p. 117) revelou que 70% das instituições federais de ensino superior não possuíam qualquer política de prevenção de assédio moral e sexual nesses espaços. Também no mês de abril de 2023, a Rede Brasileira de Mulheres Cientistas, a partir de uma comissão interna formada por um grupo de professoras de diversas instituições de ensino superior do país, vem mobilizando debates e iniciativas em torno da prevenção da cultura do assédio nesses espaços.

Esses dados corroboram com a linha argumentativa proposta por este estudo ao compreender e situar as manifestações para além dos canais formais de encaminhamento de quaisquer situações potencialmente violadoras de direitos ou produtoras de violência de qualquer natureza. Evidentemente não se trata da substituição de um meio pelo outro, mas o reconhecimento das expressões nos meios aqui em tela enquanto indicadores potentes

da necessidade de permanente atenção e vigilância institucional à cultura do assédio e das demais violências ainda fortemente presentes no cotidiano universitário.

A despeito dos mais diversos desafios vinculados a tais processos, o conjunto de *grafiti* analisados neste estudo revelou aspectos positivos da vida universitária, tais como frequentes atos de solidariedade, expressos em palavras, em partilhas ou mesmo em atitudes solidárias, a exemplo da atenção à precariedade menstrual. Ao lado desses gestos, também se destacam os diálogos que vão se tecendo a partir de um desabafo ou de uma expectativa de conselho que inusitadamente se cumpre de tal forma que portas e paredes se convertem em verdadeiros diários anonimamente coletivos fecundos de fragmentos biográficos que lembram para muitas, e muitas vezes, que de fato “não estamos sós”.

## Referências

- AGRELI, Milene Soares. **A inclusão da diversidade sexual na Universidade**. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59142/tde-23032018-103830/>. Acesso em: 16 abr. 2023.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ASSAD, Beatriz Flügel. Políticas públicas acerca da pobreza menstrual e sua contribuição para o combate à desigualdade de gênero. **Rev. Antinomias**, v. 2, n. 1, p. 140 – 160, jan/jun. 2021. Disponível em: [ANTINOMIAS2-ARTIGO7.pdf](#). Acesso em: 15 abr. 2023.
- BELTRAME, Bianca Spode. Programa de prevenção e tratamento dos casos de assédio: benchmarking entre as instituições federais de ensino superior. **Perspectivas Contemporâneas**, v. 15, n. 2, p. 117 – 143, maio/ago., 2020. Disponível em: [3141-Texto do Artigo-14987-1-10-20200901.pdf](#). Acesso em: 20 abr. 2023.

BRASIL, Lei 12.711. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

**Diário Oficial da União.** Brasília, DF, 30/08/2012, p. 1, col. 3. Disponível em: Página 1 do Diário Oficial da União – Seção 1, número 169, de 30/08/2012 – Imprensa Nacional Acesso em: 12 abr. 2023

BRASIL, Lei 14540 – Institui o Programa de Prevenção e Enfrentamento ao Assédio Sexual e demais Crimes contra a Dignidade Sexual e à Violência Sexual no âmbito da administração pública, direta e indireta, federal, estadual, distrital e municipal.

**Diário Oficial da União.** Brasília – DF, de 04/04/2023, Seção 1, p. 6. Disponível em: [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](http://Portal da Câmara dos Deputados (camara.leg.br)) Acesso em: 15 abr. 2023.

BONFANTI, Ana Letícia; GOMES, Aguinaldo Rodrigues. A quem protegemos quando não falamos de gênero na escola? **Periódicus – Rev. de Estudos Interdisciplinares em Gêneros e Sexualidades**, v. 1, n. 9. p. 105 – 121, maio/out. 2018. Disponível em: Vista do A quem protegemos quando não falamos de gênero na escola? ([ufba.br](http://ufba.br)). Acesso em: 20 abr. 2023.

CAMPOS, Ricardo Manorto de Oliveira Campos. **Pintando a cidade: uma abordagem antropológica ao graffiti urbano.** 2007. 512 f. Tese (Doutoramento em Antropologia) – Cursos de Doutorado da Universidade Aberta de Lisboa, Lisboa, 2007.

COSTA, Nicole do Nascimento Medeiros. **A rua respira arte! Uma antropologia do Graffiti.** 2017, 231 f. Tese. (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós -Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Vocabulaire des Histoires de Vie et de la Recherche Biographique.** Toulouse: Érès, 2019.

GUNDIM, Vivian Andrade *et al.* Saúde mental de estudantes durante a pandemia de Covid-19. **Rev. Baiana de Enfermagem**, v. 35, p. 1 – 14, 2021. Disponível em: Vista do SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 ([ufba.br](http://ufba.br)). Acesso em: 15 abr. 2023.

JONES, Camara Phyllis. Confronting institutionalized racism. **Phylon**, Atlanta, v. 50, n, 1, p. 7 – 22, 2002.

Disponível: Confronting Institutionalized Racism on JSTOR. Acesso em: 30 mar.2023.

KYRILLOS, Gabriela. Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. **Rev. Estudos Feministas**, v. 28, n. 1, p. 1 – 12, 2020. Disponível em: SciELO - Brasil - Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade. Acesso em: 12 abr. 2023.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social:** uma introdução à Teoria Ator Rede. Salvador: EDUFBA, 2012.

MATEUS, Felipe. Racismo no mundo acadêmico: um tema para se discutir na universidade. **Jornal da Unicamp** (online), 2019. Disponível em: Racismo no mundo acadêmico: um tema para se discutir na universidade | Unicamp. Acesso em: 12 abr. 2023.

MEDEIROS, Hugo Augusto Vasconcelos; MELLO NETO, Ruy de Deus e; GOMES, Alfredo Macedo. Limites da Lei de Cotas nas Universidades Públicas Federais. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 24, n. 6, p. 2 – 24, 2016. Disponível em: Limites da Lei de Cotas nas Universidades Públicas Federais ([redalyc.org](http://redalyc.org)) Acesso em: 28 mar. 2023.

MENDONÇA, Viviane Melo de. Grafites que (contra) dizem: gêneros e sexualidades na polifonia da cena urbana. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, p. 1-18, 2020. Disponível em: [226483\\_Grafites.indd](http://226483_Grafites.indd) ([scielo.br](http://scielo.br)). Acesso em: 29 abr. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 44, p. 93-113, jan./mar. 2021. Disponível em: [8018-Texto do artigo-16687-4-10-20220126.pdf](http://8018-Texto do artigo-16687-4-10-20220126.pdf). Acesso em: 28 mar. 2023.

PEREIRA, Anderson Siqueira *et al.* Fatores de risco e proteção para a tentativa de suicídio na adultez emergente. **Ciênc. Saúde Colet.**, v. 23, n. 11, p. 3667-3677, 2018. Disponível em: SciELO – Brasil – Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. Acesso em: 12 abr. 2023.

SANTOS, Cristina Vianna Moreira dos. Sofrimento psíquico e risco de suicídio: diálogo sobre saúde

mental na universidade. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.** v. 11, n. 2, p. 149-160, maio/ago. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912019000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000200010). Acesso em: 12 abr. 2023.

SOUZA, Geraldo Tadeu. **Introdução à Teoria do Enunciado Concreto do Círculo Bakhtin /Volochinov/Medvedev**. São Paulo: Humanitas, 2002.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde

da população negra. **Saúde Soc.**, v. 25, n. 3, p. 535-549, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW7vm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2023.

Recebido em: 29/04/2023

Revisado em: 29/10/2023

Aprovado em: 26/10/2023

Publicado em: 11/12/2023

**Ana Clara de Rebouças Carvalho** é doutora em Saúde Pública pelo Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora adjunta do Departamento de Odontologia Social e Pediátrica da UFBA. Membro dos seguintes grupos de pesquisa cadastrados no Diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Laboratório de Estudos sobre Crime e Sociedade (LASSOS) da UFBA. *E-mail:* [anaclarareboucas@gmail.com](mailto:anaclarareboucas@gmail.com)